

**NOVAS VISIBILIDADES DO FEMININO: LESBIANISMO, HISTÓRIA E CANTADAS NA
MÚSICA POPULA BRASILEIRA**

Karlla Danielle Cantalice da Trindade

PIBIC/UEPB

Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega

UEPB

Este trabalho intenciona cartografar os campos de possibilidade histórica das representações culturais produzidas sobre as relações homoafetivas das mulheres na música popular brasileira, considerando a relação estabelecida entre suas diversas produções discursivas e a luta pela promoção da cidadania e pelos direitos humanos de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais presentes a partir da segunda metade do século XX.

Um dos resultados mais significativos dessa pesquisa se refere a uma nova compreensão sobre a história do Brasil e de como a presença dessas cantoras e intérpretes contribuíram para a diminuição da homofobia, pois ao tornarem suas vidas espaços de divulgação de maneiras de amar, ajudaram a criar o respeito pelo outro, pois a legitimidade de algumas dessas cantoras são tomadas de empréstimos pela comunidade LGBT, bem como por milhares de meninas e de mulheres que as tomam como exemplos de vida e de dignidade humana.

Quando em 1969, Maria Bethânia canta “Preconceito”, da dupla Fernando Lobo e Antônio Maria, cria uma ruptura sem igual na sociedade hetero-normativa (BUTLER, 2003), bem como nos marginalizados por essa sociedade:

Por que você me olha com esses olhos de loucura?
Por que você diz meu nome? Por que você me procura?
Se as nossas vidas juntas vão ter sempre um triste fim
Se existe um preconceito muito forte
separando você de mim (MARIA BETHÂNIA, EMI/Odeon, 1969).

A enunciação do preconceito, nesta historicidade, associada a uma cantora, que era constantemente interpelada sobre sua (homo)sexualidade, cria fissuras na cultura brasileira. Significada como uma das maiores representantes da cultura do desbunde e da contracultura, reconhecidamente irmã de um dos propositores do Movimento Tropicalista, Maria Bethânia se torna um ícone da contracultura. Uma década depois de postular um “triste fim”, canta “Mei”, que

se constituiu historicamente como o “hino lésbico”, sendo considerada por muito anos como a “rainha”:

Ó abelha rainha faz de mim
Um instrumento de teu prazer
Sim, e de tua glória
Pois se é noite de completa escuridão
Provo do favo de teu mel
Cavo a direita claridade do céu
E agarro o sol com a mão
É meio-dia, é meia-noite, é toda hora
Lambe olhos, torce cabelos, feiticeira vamo-nos embora
É meio-dia, é meia-noite, faz zumzum na testa
Na janela, na fresta da telha
Pela escada, pela porta, pela estrada toda a fora
Anima de vida o seio da floresta
O amor empresta a praia deserta zumbe na orelha, concha do mar
Ó abelha, boca de mel, carmin, carnuda, vermelha
Ó abelha rainha faz de mim um instrumento do seu prazer
(MARIA BETHÂNIA, Universal Music, 1979)

Contudo, essa década passada entre a música “Preconceito” e “Mel”, não foi vazia de produções também significativas de outras cantoras. Gal Costa, em 1973, já dizia: “Índia da pele morena sua boca pequena eu quero beijar”. Gal Costa e Maria Bethânia não ousaram apenas quando fizeram de músicas reconhecidamente masculinas uma nova arte de falar sobre o amor, ousaram também na nudez de seus corpos, na forma como eles interagem nos palcos, causando furor na cena cultural carioca. Um dos registros dessa bela parceira é na música “Esotérico”, do compositor e amigo Gilberto Gil, quando ao cantarem “não adianta nem me abandonar”, com roupas diáfanas, se aproximam, e sem desgrudar os olhos, fazem “amor” no palco – como anunciou a imprensa de época.

Quatro anos depois, Gal surge com outra música, de autoria de Caetano Veloso, que mobiliza o imaginário homoerótico feminino, posteriormente, também, regravada por Maria Bethânia:

Uma tigresa de unhas negras e íris cor de mel
Uma mulher, uma beleza que me aconteceu
Esfregando a pele de ouro marrom
Do seu corpo contra o meu
Me falou que o mal é bom e o bem cruel

Enquanto os pelos dessa deusa tremem ao vento ateu
Ela me conta sem certeza tudo o que viveu
Que gostava de política em mil novecentos e sessenta e seis
E hoje dança no Frenetic Dancin’ Days

Ela me conta que era atriz e trabalhou no Hair
Com alguns homens foi feliz com outros foi mulher
Que tem muito ódio no coração, que tem dado muito amor
E espalhado muito prazer e muita dor

Mas ela ao mesmo tempo diz que tudo vai mudar
Porque ela vai ser o que quis inventando um lugar
Onde a gente e a natureza feliz, vivam sempre em comunhão
E a tigresa possa mais do que o leão

As garras da felina me marcaram o coração
Mas as besteiras de menina que ela disse não
E eu corri pra o violão num lamento
E a manhã nasceu azul
Como é bom poder tocar um instrumento
(GAL COSTA, Philips, 1977).

Essa tigresa, que fez parte de Hair, espetáculo da contracultura, e gostava de política em “mil novecentos e noventa e seis”, foi uma canção marco, pois grande parte do debate de época fazia uma cisão entre os grupos jovens: desbundados x guerrilheiros. Tidas como baianas cabeludas e desbundadas, Maria Bethânia e Gal Costa abriram espaço para outras cantoras, também ousadas.

Zezé Motta, na música “Muito prazer Zezé”, de autoria de Rita Lee e Roberto de Carvalho, já brincava com o silêncio:

Muito prazer eu sou zezé
Mas você pode me chamar como quiser
Eu tenho fama de ser maluquete
Ninguém me engana nem joga confete
Ma pra quem gosta de amar e segredo
Eu sou um prato cheio
Eu quero dar uma colher
Eu sou zezé da terra do sol
Da lua de mel
Da cor do café
(ZEZÉ MOTTA, Atlantic/WEA, 1978).

Um ano depois, Zizi Possi, cantava uma música de Moraes Moreira, falando do seu amor proibido:

O amor que não nega, nega, nega, nega...
Meu sonho é fruto proibido
Meu sonho é fruto proibido
Tido como loucura
Brinquedo, promessa, jura, segredo,
Conversa de amor
(ZIZI POSSI, Philips, 1979).

Por mais que algumas das letras de músicas cantadas por elas falassem em segredo, o interdito em torno do “amor que não ousa dizer seu nome” começava a ser professado. Contudo, foi a partir da década de 1980, que se instituiu uma sistemática mais incisiva de músicas que quebravam com os segredos, que revelavam novas artes de amar – era a chamada emergência da “entendida” (DEL PRIORE, 2005).

A “entendida” era a nova representação cultural criada para as mulheres que se relacionavam eroticamente com outras mulheres. Mais concentradas nos centros urbanos, a entendida era a freqüentadora dos bares e das praias cariocas, bem como dos salões e das boites noturnas de várias outras cidades. Moderna, destemida, falante, a entendida surge no contexto de Malu Mulher, que produzia também uma importante representação sobre a mulher

moderna. Não necessariamente militante, ativista da causa gay, a entendida procurava referências para o seu modo de viver.

Em meio a esse contexto, explode nas rádios e nas paradas de sucessos, a música de uma “menina” recém rechegada de Nova York, que cantava “Nosso estranho amor” de autoria de Caetano Veloso:

Não quero sugar
Todo seu leite
Nem quero você enfeite
Do meu ser
Apenas te peço
Que respeite
O meu louco querer...

Não importa com quem
Você se deite
Que você se deleite
Seja com quem for
Apenas te peço que aceite
O meu estranho amor...

Oh! Mainha!
Deixa o ciúme chegar
Deixa o ciúme passar
E sigamos juntos...

Oh! Neguinha!
Deixa eu gostar de você
Prá lá do meu coração
Não me diga nunca não...

Seu corpo combina
Com meu jeito
Nós dois fomos feitos
Muito prá nós dois
Não valem dramáticos efeitos
Mas o que está depois...

Não vamos fuçar
Nossos defeitos
Cravar sobre o peito
As unhas do rancor
Lutemos, mas só pelo direito
Ao nosso estranho amor...

A irreverência dessa música, muito marcada pelo estilo moderno e contemporâneo de Caetano, foi um outro importante marco na música popular brasileira que tematiza os amores marginais. O impacto foi tão forte que o “estranho amor” fez de Marina Lima um sucesso nacional. Representa como garota “descolada”, figurou ao lado de outras cantoras já consagradas pelo público e pela crítica no especial criado pela TV Globo, Mulher 80.

A década de 80 já vivenciava a realidade da cultura de massa. Politicamente, o Brasil passava por um processo de redemocratização, pois a Ditadura Militar já estava anunciando seus

últimos dias e, conseqüentemente, a censura em torno das músicas não era mais tão rígida como na década anterior.

O eu-lírico masculino ainda era muito utilizado como recurso para algumas cantoras, mas na década de 80 a cultura unissex já era anunciada pela mídia, pelos salões de beleza, pelas propagandas de jeans. Foi o momento em que se consolidou uma tradição na música popular de cantar os amores sáficos:

Ela me olha
e já subo nas paredes
Se ela me chama,
eu sou peixe na rede
É uma coisa assim tão louca,
Me deixa água na boca
Ela desfaz o que eu faço
e disponho
Ela refaz o roteiro
do meu sonho
É uma coisa assim tão louca,
Me deixa água na boca
(SIMONE, CBS, 1985).

Essa música de Simone rompe de vez com os “antigos pudores”. As mulheres passam a falar de si, mas passam a falar mais ainda de sua própria sexualidade, quebrando com o sistema hetero-normativo da família nuclear burguesa. A irreverência constante de algumas das músicas cria uma tradição muito peculiar na MPB.

Talvez seja com Angela Rô Rô que a irreverência se corporifique não apenas por aquilo que se é cantado, como também por um estilo de vida que passa a ser publicizado a partir desse lugar. Em “Cheirando a amor”, Ângela diz já ter posto de lado um mundo atento a não perdoar:

Já pus de lado o tormento
De um mundo atento a não perdoar
Amantes sem fingimentos
Delirantes formas de amar
Quero cheirar a amor
Quero exalar suor
Pro dia que você for
Ficar com seu melhor
Amor apertado
Trancada com medo da rua
Se isso é pecado me puna
A culpa de amar livre e nua
Que preconceito barato
Que o cão caça o gato
Me morde e me desafia
Só meu olhar te arrepiá

A vontade de amar livremente não é uma particularidade apenas da música. Não dá pra desconsiderar também a produção cinemática que já expunha corpos em ação, corpos em chamas. Uma cena antológica desse período foi o orgasmo protagonizado pela atriz americana

Meg Ryan, no filme Harry e Sally, do diretor Rob Reiner. Inesquecível também foi a imagem dos corpos adolescentes e nus dos personagens da versão cinematográfica de Lagoa Azul, filme que transformou Brooke Shiels em musa da época.

Duas canções de Chico Buarque, uma delas em parceria com Ruy Guerra, foram também consagradas na década de 80: “Bárbara” e “Mar e Lua”. Inicialmente compostas para o teatro, viraram *hits* dos amores entre mulheres:

Bárbara, Bárbara
Nunca é tarde, nunca é demais
Onde estou, onde estás
Meu amor, vem me buscar
O meu destino é caminhar assim desesperada e nua
Sabendo que no fim da noite serei tua
Deixa eu te proteger do mal, dos medos e da chuva
Acumulando de prazeres teu leito de viúva
Bárbara, Bárbara
Nunca é tarde, nunca é demais
Onde estou, onde estás
Meu amor vem me buscar
Vamos ceder enfim à tentação das nossas bocas cruas
E mergulhar no poço escuro de nós duas
Vamos viver agonizando uma paixão vadia
Maravilhosa e transbordante, feito uma hemorragia
Bárbara, Bárbara
Nunca é tarde, nunca é demais
Onde estou, onde estás
Meu amor vem me buscar

[...]

Amaram
O amor urgente
As bocas salgadas
Pela maresia
As costas lanhadas
Pela tempestade
Naquela cidade
Distante do mar

Amaram o amor serenado
Das noturnas praias
Levantavam as saias
E se enluaravam
De felicidade
Naquela cidade
Que não tem luar

Amavam
O amor proibido
Pois hoje é sabido
Todo mundo conta
Que uma andava tonta
Grávida de lua
E outra andava nua
Ávida de mar

E foram
Ficando marcadas
Ouvindo risadas,
Sentindo arrepios
Olhando pro rio
Tão cheio de lua
E que continua
Correndo pro mar

E foram
Correnteza abaixo
Rolando no leito
Engolindo água
Boiando com as algas
Arrastando folhas
Carregando flores
E a se desmanchar

E foram
Virando peixes
Virando conchas
Virando seixos
Virando areia
Prateada areia
Com lua cheia
E à beira-mar

Essas duas músicas foram interpretadas por muitas das cantoras tratadas nessa pesquisa. São músicas-signos, signos não só de uma geração, mas de uma nova tradição musical – aquela que ousa romper os padrões e que a partir dessa ruptura constrói uma crítica ao social. Talvez por isso elas tenham sido sempre regravadas. Já na década de 90, Maria Bethânia grava novamente “Mar e Lua”, criando furor no seu show.

“As meninas” queriam brincar de amar, como diz Marina Lima. E uma de suas brincadeiras, era a de criar novas subjetividades:

Sei que você fez os seus castelos
E sonhou ser salva do dragão
Desilusão meu bem
Quando acordou, estava sem
ninguém...

Sozinha no silêncio do seu quarto
Procura a espada do seu salvador
E no sonho se desespera
Jamais vai poder livrar você da
fera da solidão..

Com a força do meu canto
Esquento o seu quarto prá secar
Seu pranto
Aumenta o radio
Me dê a mão..

Você precisa é de um homem
Prá chamar de seu
Mesmo que esse homem seja eu...

Um homem pra chamar de seu
mesmo que seja eu...
(MARINA LIMA, Polygram (Universal), 1985).

Marina Lima, tida como uma das cantoras de rock and roll, aliava atitude com as composições realizadas em parceria com seu irmão e poeta, Antônio Cícero. Surfista, roqueira, moderna, Marina falava de sexo de uma maneira leve, própria da geração que se firmou nesse período. Na música “Difícil”, de 1985, vai falar de como o sexo é bom, narrando a história de uma

paquera com uma menina, fazendo trejeitos na música, como a simular pequenos delitos: “Mas paixão e gozo/ se sabe isso vicia / Aí garota, eu gosto assim/ Difícil! Oh!...”

Essa foi um período muito importante para o que se veio a consolidar depois, na década de 90, pois ainda em fins da década de 70, dois acontecimentos-chaves são tratados por esses autores: a realização de um debate público, em fevereiro de 1979, na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, e a criação e dissolução do grupo *Somos* – Grupo de Afirmação Homossexual, o primeiro grupo de homossexuais organizados, bem como a criação do *Jornal Lampião da Esquina*, voltado para matérias das chamadas minorias. Não que haja uma correspondência direta entre o ativismo LGBT, como é falado na contemporaneidade, com a produção musical de fins de 1970 e 1980, mas de qualquer maneira, tanto os grupos ativistas, como as cantoras já tinham criado mecanismos sociais que tornavam visíveis os seus trabalhos.

Contudo, é na década de 1990 e os primeiros anos do século XXI, que temos uma outra mudança em relação a produção musical veiculada pelas cantoras associadas pela mídia ao lesbianismo, pois com o advento da cultura eletrônica (internet), a criação de um mercado de consumo específico para a comunidades LGBT, bem como a criação de selos editoriais voltados para a produção de uma literatura gls (ver Edições GLS, da Summus), e a produção de personagens lésbicos nas novelas da Rede Globo, que implode na MPB uma nova geração de cantoras que desconstroem os lugares convencionados de gênero para as mulheres, como Ana Carolina, Adriana Calcanhoto, Zélia Duncan, Isabela Tavianni, entre outras.

A esse contexto é também importante considerar que a mobilização em torno da cidadania e da emancipação dos lugares de gênero saiu do espaço do “gueto” e passou a ser tema de debate na sociedade civil, a exemplo do debate a cerca da regulamentação jurídica da parceria civil e da adoção. O Governo Federal lança, ainda, o Programa Brasil sem Homofobia, financiando muitos projetos que discutem Direitos Humanos. Uma outra visibilidade que temos na sociedade brasileira é a das passeatas do Orgulho Gay, que na sua última manifestação conseguiu congrega mais de uma milhão de pessoas, se tornando a segunda passeata gay do mundo.

E são também nessas passeatas, com seus trios elétricos, que muitas dessas cantoras exercem outras práticas políticas. Não raro, elas cantam em cima dos trios, animando a festa. Marina Lima é uma das mais assíduas.

Nessa nova geração de cantoras que despontam na década de 90, temos o exemplo de duas delas, que retiraram completamente o recurso do eu-lírico masculino e investiram na cultura da confissão (NÓBREGA, 2008): Ana Carolina e Zélia Duncan.

Quer me revelar
Unhas roídas
Ausências, visitas
Cores na sala de estar...

O que eu procuro
O que eu rejeito
O que eu nunca vou recusar
Tudo em mim quer me revelar...

Tudo em mim!
Quer me revelar
Meu grito, meu beijo
Meu jeito de desejar
O que me preocupa
O que me ajuda
O que eu escolho prá amar
Quando amanheço
Quando me esqueço
Quando morro de medo do mar
Ah! Ah!...

(ZÉLIA DUNCAN, Universal Music, 2001).

A problemática da revelação passa a fazer parte da trajetória dessas duas cantoras. Revelar o desejo e a forma também de dar vazão a esse desejo, a esse exemplo, as unhas curtas, uma das linguagens de identificação entre as lésbicas. Já Ana Carolina, na sua música “Vox Populi”, “quando diz que o povo fala, que o povo fala mesmo”, decidi ela mesma falar:

Vou te contar o que me faz andar
Se não é por mulher não saio nem do lugar
Eu já não tento nem disfarçar
Se tudo em que me meto é só para impressionar

[...]
Mulher eu já provei
Eu sei que é bom demais
Agora o resto eu não sei
Sei que não vou mudar,talvez...
Sei que não vou nem tentar

Desculpe esse meu defeito
Eu digo que não é nem preconceito
Eu tenho amigo homem
Eu tenho amigo gay

Já fui mulher eu sei, já fui mulher eu seeei...

Essa música, de autoria de Roger Rocha Moreira, vocalista da banda Ultraje a Rigor, é completamente reinventada na voz de Ana Carolina, pois se antes ela tinha um teor machista, passa a figurar como uma das músicas-bandeira do amor entre mulheres. É Ana Carolina que vai implodir com esse lugares identitários sexuais, bem como os de gênero. Em outra música, agora de sua autoria, Ana Carolina produz uma outra confissão:

Eu gosto de homens e de mulheres
E você o que prefere?
E você o que prefere?
Eu gosto de homens e de mulheres

E você o que prefere?
E você o que prefere?
(ANA CAROLINA, Sony&BMG, 2007).

E essas confissões são também associadas a uma outra prática, que é a de denunciar. Zélia Duncan elaborou uma música muito específica nesse sentido:

Os imorais
Falamos de nós
Do nosso gosto
Nosso encontro
Da nossa voz

Os imorais
se chocam
por nós
Por nosso brilho
Nosso estilo
Nossos lençóis

Mas um dia, eu sei
A casa cai
E então
A moral da história
Vai estar sempre na glória
De fazermos o que nos satisfaz

Portanto, imoral é aquele que interdita o amor, que interdita aquele que satisfaz. Essa é uma inversão muito contundente do modelo burguês nuclear, pois ao invés do investimento da idéia de família patriarcal, essa tradição musical não só implode com o silêncio de algumas práticas de amar que eram interditas na sociedade, como requisitam novos direitos, direitos que atuam no campo político do desejo.

E essa nova enunciação do desejo não desconsidera o já produzido, o já consagrado. A versão dada por Adriana Calcanhotto a uma música do Rei Roberto Carlos é sintomática dessa prática, quando ela canta “Caminhoneiro”, música que romantiza os beijos de uma mulher e a sua memória. Calcanhotto, inclusive, vai ser outro marco importante nessa produção cultural, pois suas músicas passam a ser tema das personagens lésbicas que aparecem nas produções globais. “Vambora” foi um sucesso retumbante nas rádios brasileiras e até as crianças acompanhavam o seu refrão.

O nosso terceiro marco nessa tradição musical não deixou de lado as suas pioneiras. Maria Bethânia, Gal Costa, Simone, Joana, etc, continuam a fazer sucesso e a marcar, de uma maneira muito pessoal, essa experiência histórica. No seu álbum “A falta que você me faz”, Maria Bethânia vai associar músicas antigas, com essa nova postura, e faz uma das mais belas interpretações de sua carreira:

Se você quer ser minha namorada

Ah, que linda namorada
Você poderia ser, se quiser ser
Somente minha, exatamente essa coisinha
Essa coisa toda minha
Que ninguém mais pode ser...
Você tem que me fazer um juramento
De só ter um pensamento:
Ser só minha até morrer...
E também de não perder esse jeitinho
De falar devagarinho
Essas histórias de você
E de repente me fazer muito carinho
E chorar bem de mansinho
Sem ninguém saber porque...
Mas se invés de minha namorada
Você quer ser minha amada
Minha, amada, mais amada pra valer
Aquela amada pelo amor predestinada
Sem a qual a vida é nada
Sem a qual se quer morrer
Você ter de vir comigo em meu caminho
E talvez o meu caminho
Seja triste pra você...
Os seus olhos têm que ser só dos meus olhos
Os seus braços o meu ninho
No silêncio de depois
E você tem que ser a estrela derradeira
Minha amiga e companheira
No infinito de nós dois
(MARIA BETHÂNIA, BISCOITO FINO, 2005).

“Minha namorada”, de autoria de Vinícius de Moraes e Carlos Lyra, que foi feita na intenção de cristalizar o sentido de posse do corpo feminino pelo masculino, é completamente ressignificada pela performance de Maria Bethânia, que no *making off* do seu DVD, diz que Vinícius não queria ser machista, apenas tinha um excelente humor – o que muitas das críticas feministas discordam.

Maria Bethânia cantou muitas das músicas de Vinícius de Moraes, dedicando um álbum apenas com letras suas, que era notoriamente um grande amante das mulheres, apesar de algumas peças machistas e preconceituosas. Mas foi cantando as músicas mais contemporâneas pós-década de 90, que Maria Bethânia torna mais explícita algumas de suas marcas. Criada por Ana Carolina e Jorge Vercillo para Maria Bethânia, a música “Eu não sei quase nada do mar”,

Garimpeira da beleza te achei na beira de você me achar
Me agarra na cintura, me segura e jura que não vai soltar
E vem me bebendo toda, me deixando tonta de tanto prazer
Navegando nos meus seios, mar partindo ao meio, não vou esquecer.
Eu que não sei quase nada do mar descobri que não sei nada de mim
Clara noite rara nos levando além da arrebentação
Já não tenho medo de saber quem somos na escuridão
Clara noite rara nos levando além da arrebentação
Já não tenho medo de saber quem somos na escuridão
Me agarrei em seus cabelos, sua boca quente pra não me afogar
Tua língua correnteza lambe minhas pernas como faz o mar
E vem me bebendo toda me deixando tonta de tanto prazer
Navegando nos meus seios, mar partindo ao meio, não vou esquecer
Eu que não sei quase nada do mar descobri que não sei nada de mim

Clara noite rara nos levando além da arrebenção
Já não tenho medo de saber quem somos na escuridão
Clara noite rara nos levando além da arrebenção
Já não tenho medo de saber quem somos na escuridão

Essa “garimpeira da beleza” que “navega nos seios”, a “bebendo toda” e “deixando tonta de tanto prazer” que não tem mais medo de saber, de viver e de amar, consolida uma das mais belas e fortes músicas sobre as histórias das mulheres e dos seus amores. Dificilmente alguns intelectuais vão poder dizer que não existem produções sobre as mulheres, sobre suas formas de amar, como também dificilmente eles vão poder ignorar as formas de solidariedade entre essas cantoras, que ofertam músicas e ofertam carinhos. Não raro, uma mesma música é cantada por mais de uma cantora, numa mesma historicidade.

Um exemplo disso é a música “Três”, de autoria de Marina Lima e Antônio Cícero, gravada por Marina, Adriana Calcanhotto e Ana Carolina:

Um
Foi grande o meu amor
Não sei o que me deu
Quem inventou fui eu
Fiz de você o Sol
Da noite primordial
E o mundo fora nós
Se resumia a tédio e pó
Quando em você tudo se complicou

Dois
Se você quer amar
Não basta um só amor
Não sei como explicar
Um só sempre é demais
Pra seres como nós
Sujeitos a jogar
As fichas todas de uma vez
Sem temer, naufragar

Não há lugar pra lamúrias
Essas não caem bem
Não há lugar pra calunias
Mas por que não
Nos reinventar

Três
Eu quero tudo que há
O mundo e seu amor
Não quero ter que optar
Quero poder partir
Quero poder ficar
Poder fantasiar
Sem nexo e em qualquer lugar
Com seu sexo junto ao mar..

“Elas querem tudo que há”: o mundo e o seu amor!!! E porque não, reinventar???

Essas são algumas das construções culturais produzidas por essa geração de cantoras e intérpretes que a partir da sua arte violaram o silêncio opressor de uma visibilidade feminina,

reinventado imagens, sons, requebros, na produção de uma sonoridade lesbiana, composta por imagens de amor e de solidariedade.